

CRONOLOGIA HISTÓRICA DE JOSÉ BONIFÁCIO.

Ao ensejo das comemorações do bi-centenário do nascimento de José Bonifácio de Andrada e Silva — O Patriarca da Independência — apresentamos uma cronologia histórica do ilustre filho de Santos, festejado patrono da Taquigrafia Brasileira, baseada no volume primeiro da coleção **História dos Fundadores do Brasil**, de Otávio Tarquínio de Souza, catalogado como o livro n.º 1 da Biblioteca “José Bonifácio” do Centro dos Taquígrafos de Santos:

- 1763 — Nascido aos treze dias do mês de junho, filho de Bonifácio José de Andrada e de D. Maria Bárbara da Silva, e batizado com o nome de José Antônio, depois trocado para José Bonifácio.
- 1776 — Figurou no recenseamento de Santos como morador à rua Direita (hoje XV de Novembro), como “José Bonifácio — estudante”.
- 1779 — Aos 22 de abril, foi requerida a habilitação “**de genere**” para José Bonifácio, que pretendia seguir o estudo eclesiástico.
- 1783 — Permaneceu alguns meses no Rio de Janeiro, aguardando embarque para Coimbra, onde pretendia estudar, depois de concluídos seus estudos com o bispo de São Paulo.
- 1783 — Aos trinta de outubro, estava matriculado na Faculdade de Direito de Coimbra. A essa época José Bonifácio já dedicava versos de amor para suas namoradas, de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Coimbra. Além de matricular-se no curso de Direito, inscreveu-se também na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra.
- 1787 — Formou-se em Filosofia, em solenidade realizada aos 16 de junho.
- 1788 — Formou-se em Direito, em solenidade realizada aos 5 de julho.
Durante os seus cursos universitários, José Bonifácio, além das composições poéticas dedicadas às suas musas inspiradoras de momentos de divagações, cuidou de duas questões sociais que eram

- de grande importância para o seu Brasil distante: a civilização dos índios e a abolição do tráfico e da escravidão dos negros.
- 1789 — Admitido como sócio da Academia das Ciências e Letras de Lisboa, onde apresentou trabalho com o título extenso e sugestivo de: **Memória sobre a pesca das baleias e a extração do seu azeite, com algumas reflexões a respeito de nossas pescarias.**
- 1790 — Agraciado pelo governo português para empreender, como comissionado por conta do erário real, uma excursão científica pela Europa, tendo partido para a França no mês de junho.
- 1791 — Freqüentou as aulas do curso de Mineralogia e Química da Escola Real de Minas em Paris. Nesse mesmo ano viajou para a Saxônia, em seu cruzeiro científico.
- 1792 — Freqüentou a Escola de Minas de Freiberg, matriculado sob número 383, de onde se formou em agosto de 1794, marcando seu diploma conhecimentos de Minas, Metalurgia, Mineralogia, Orictognosia e Geognosia. Ao final desse ano fez incursões de estudo pela Áustria, Alemanha e Itália.
- 1796 — Fixava-se na Suécia, prosseguindo em seus estudos científicos, tendo feito breves visitas à Noruega.
- 1799 — Esteve na Dinamarca.
- 1800 — Retornou a Portugal, após dez anos e três meses de ausência, com 37 anos de idade quando se encontrou com seus irmãos Antônio Carlos, de 27 anos, formado em Direito, e Martim Francisco, de 25 anos, formado em Filosofia, ambos pela Universidade de Coimbra, também a serviço local do governo português.
- 1802 — Recebeu o capelo doutoral para reger a cadeira de Metalurgia da Universidade de Coimbra e foi nomeado Intendente Geral das Minas e Metais do Reino.
- 1807 — Nomeado superintendente das Obras Públicas de Coimbra.
- 1808 — Fêz parte do Corpo Voluntário Acadêmico que lutou com os invasores franceses de Napoleão, na primeira invasão, ajudando a recuperar as posições do governo português em Condeixa, Ega, Soure, Pombal, Leiria e Nazaré.
- 1809 — Nomeado comandante do Corpo Acadêmico Militar, até a retomada da cidade de Nazaré, então sob domínio francês.

- 1810 — Diligenciava para retornar ao Brasil, tendo encaixotado grande parte de sua biblioteca e de seus aponatamentos científicos, havendo, em carta de 16 de janeiro de 1810, pedido dinheiro emprestado a seu irmão Martim Francisco.
- 1819 — Depois de muitos pedidos à Côrte portugueza, conseguiu autorização para retornar ao Brasil, tendo, antes, de apresentar atestados e certidões de que estava quites com todos os cargos que ocupara no govêrno portuguez. Em sessão de 24 de junho, despediu-se da Academia de Ciências e Letras de Lisboa. Em 19 de agôsto embarcou para sua terra natal, com cinqüenta e seis anos de idade.
- 1820 — Aos 23 de março embarcava de Santos para São Paulo, em companhia do irmão Martim Francisco, indo de canoa até Cubatão, galgando depois a serra de Paranapiacaba. Passados cinco dias estavam na serra da Cantareira, onde fizeram o primeiro achado de ouro. Percorreu a seguir o interior do Estado, em pesquisas mineralógicas.
- 1822 — Radicado no Rio de Janeiro, participou das manifestações políticas que culminaram com a declaração da Independência do Brasil do Reino de Portugal, sendo reconhecido mesmo como: O Patriarca da Independência. Em 7 de junho, assinava o decreto que determinou a criação de um curso de taquigrafia às expensas do erário real. Como Ministro do Reino, respondia pela chefia do govêrno colonial na ausência de D. Pedro I. A 28 de maio foi eleito para o cargo de grão-mestre do Grande Oriente no Brasil (organização maçônica). Em 14 de setembro foi destituído do cargo, sendo substituído por D. Pedro I. Foi nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros do govêrno imperial nascente no Brasil.
- 1823 — Participou da abertura da primeira Assembléa Constituinte do Brasil Império, a 3 de maio. Pediu demissão do cargo de Ministro do Império e dos Estrangeiros em 16 de julho, após ser alvo de intrigas políticas posteriores à instalação da Constituinte, permanecendo como membro da Assembléa, juntamente com seus dois irmãos Martim Francisco e Antônio Carlos. Dissolvida a Assembléa Constituinte, foi prêso, em sua casa, a 12 de novembro, sendo conduzido para o Arsenal da Marinha, onde já se encontravam outros constituintes como êle considerados revolucionários: As nove horas da noite dêsse mesmo dia era

removido para a fortaleza da Laje. No dia 20 de novembro embarcava José Bonifácio a bordo do “Lucônia”, exilado! Eram decorridos quatro anos de permanência em sua terra natal. Estava com sessenta anos de idade.

- 1824 — Chega a Vigo, após tormentosa viagem, no dia 12 de fevereiro. Daí transportou-se em outro navio para Bordéus, onde chegou a 5 de julho. Foram seis meses e meio de viagem e sobressaltos, até fixar-se em Talence, distante quatro quilômetros de Bordéus, onde viverá provisoriamente com sua família à Rua do Palais Galien, 168.
- 1825 — Publicou em Bordéus, sob o pseudônimo de Américo Elísio, as suas **Poesias avulsas**. Permaneceu em exílio até 1828, escrevendo a seus amigos sobre as coisas do Brasil e a política que aqui se desenvolvia, “desejando retornar ao sítio dos Outeirinhos, em Santos, para viver o resto de seus dias em calma”.
- 1829 — Retornou ao Brasil, tendo chegado em 23 de julho, depois de cinco anos e oito meses de ausência forçada, com sessenta e seis anos de idade. Em dezembro já habitava uma modesta casa na ilha de Paquetá, nos arredores do Rio de Janeiro.
- 1831 — Foi indicado por D. Pedro I, às vésperas da revolução de 7 de abril, para tutor de D. Pedro II, que estava apenas com cinco anos de idade quando lhe coube o trono. No decreto baixado, assim se expressou D. Pedro I “nomeio tutor de meu amado e prezado filho ao muito probo, honrado e patriótico cidadão José Bonifácio de Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo”. No dia 8 de abril José Bonifácio comparecia ao palácio para o primeiro contacto com seu pupilo. Ao ver o menino, exclamou, tomando-o nos braços: “meu imperador e meu filho”. Estava com sessenta e oito anos de idade. Aos 22 de junho foi empossado na Câmara, com o seguinte desabafo: “Quem diria, Sr. Presidente (êste era o seu irmão Martim Francisco), que eu, velho e cansado, teria ainda a satisfação de entrar neste recinto e de assentarme neste mesmo banco”. Voltou a participar novamente das atividades políticas da época.
- 1832 — A Câmara tentou destitui-lo das funções de tutor do imperador, tendo mesmo aprovado o decreto, rejeitado pelo Senado por um voto apenas, em 30 de julho.
- 1833 — Por decreto de 14 de dezembro, foi-lhe suspensa a tutoria de D. Pedro II, sem não antes haver re-

- lutado e feito valer direitos constitucionais. Estava com setenta anos de idade e retirou-se para sua morada na Ilha de Paquetá, na condição de prêso como conspirador e perturbador da ordem pública.
- 1835 — Foi intimado a comparecer, a 20 de fevereiro, ao Tribunal do Júri, o que recusou, em carta enviada ao juiz. Julgado como revel, foi absolvido a 14 de março.
- 1838 — Faleceu, às três horas da tarde, do dia 6 de abril, com quase 75 anos de idade, tendo arrolado em seu testamento “pouco mais ou menos seis mil livros, além dos manuscritos e a considerável coleção mineralógica”. Nos dias da Independência, quando D. Pedro pretendia outorgar-lhe o título de marquês e a Ordem do Cruzeiro do Sul, recusando-se às homenagens, José Bonifácio pediu-lhe apenas que, ao morrer, dessem-lhe uma sepultura modesta em cuja lápide o Estado mandasse inscrever os versos do poeta Antônio Ferreira: “Eu desta glória só fico contente, que a minha terra amei e à minha gente”.

NÍVIO ANDRE' DE REZENDE

do Centro dos Taquígrafos de Santos e da Sociedade dos Amigos da Cidade de Santos.